



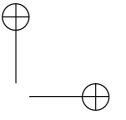
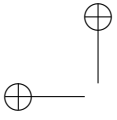
LA BARBARIE



Ana Paula Rosendo

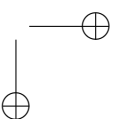
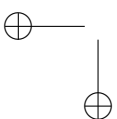
2011

www.lusosofia.net



LUSO**Sofia**:PRESS

Covilhã, 2011





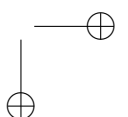
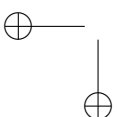
La Barbarie

Recensão

Ana Paula Rosendo

**Obra recenseada: Michel HENRY, *La Barbarie*, PUF
- Presses Universitaires de France, col. ÉPIMÉTHÉE
(fundada por Jean Hyppolite e dirigida por Jean-
Luc Marion), Paris, 2008**

Recensar uma obra de Henry é uma tarefa complexa na medida em que cada capítulo, pela sua riqueza, nos leva a entrar numa teia de ideias e de argumentos, tornando-se difícil distinguir o essencial do acessório, pois tudo nos tende a impressionar, por digno de nota. De síntese complexa há, contudo, ideias que o autor desenvolve mais numas obras e menos noutras. *A Barbárie* é uma obra sobre a cultura e a sua relação com a Vida. Foi a obra de Henry que maior divulgação teve, mas que também mais polémica criou em torno do seu pensamento. A inversão fenomenológica a que procedeu requer que se faça uma opção, uma conversão ou uma inversão no olhar; uma clara opção pelo que é invisível, pelo sentimento e pelo afecto porque real, essencial e dador de significado. A opção pelo subjectivo, pelo invisível e inefável é sempre geradora de polémica na tradição ocidental de influência grega sempre focada, segundo Henry, no fenómeno como algo que aparece e que se mostra portanto, relevando a exterioridade e a objectividade. Através desta obra percebemos que a cultura é a materialização da Vida subjectiva e um dos locais privilegiados para o invisível se tornar visível.



A cultura como materialização da praxis levada a cabo pelos sujeitos que sofrem e que gozam vivendo a Vida e os sentimentos que esta lhes provoca despoletando neles a acção. Percebe-se que a cultura é uma manifestação essencial e incontornável que reveste todas as formas nas quais a *praxis* subjectiva se manifesta e também como o local onde o imemorial e o eterno se temporaliza. Uma obra inspiradora para se reflectir sobre a relação entre a cultura e a Vida.

No Prefácio o autor diz-nos que o tema desta obra parte da constatação de que houve uma separação entre saber e cultura e que a sua oposição e divergência se tornou “numa luta de morte.”¹ Este facto provocou uma inversão ontológica e epistemológica onde os reflexos do legado grego se encontram presentes. Quando Galileu afirmou que as qualidades sensíveis não poderiam mais ser consideradas saber, reafirmou as singularidades implícitas nesta herança. Portanto, o racionalismo moderno considera que todo o saber que radica na experiência subjectiva deverá ter o estatuto de algo falso e ilusório, o que provocou uma divergência inconcebível entre saber e cultura. Henry considera que a principal fonte de alimentação da cultura é a Vida, porque a cultura é o resultado da praxis humana nos seus vários domínios e sob as mais variadas formas, enraizando no movimento incessante da vida, na sua auto-prova, assim como “o conjunto de respostas patéticas que a vida dá a si mesma”². A cultura é auto-revelação da Vida e encontra-se em todos os modos de praxis subjectiva, mas as formas superiores sob as quais se manifesta são a Estética, a Ética e a Religião. Numa sociedade que seja uma comunidade de vida, a cultura está presente em toda a parte. O título da obra “A Barbárie” parte do pressuposto de que este estado (o de barbárie) se sucede a um estado de cultura anterior que a precedeu e que foi destruído. Porque é que a ideo-

¹ Henry, M, *La Barbarie*, Paris, P.U.F., 2008

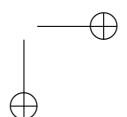
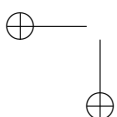
² Idem, *ibidem*



logia de Galileu, tão fortemente enraizada, conduz a um estado de barbárie ou de destruição da cultura?

A ilusão de Galileu reside na consideração da ciência como um saber absoluto sobre o “mundo real”, uma tentativa de ultrapassagem da particularidade e da relatividade do saber subjectivo. Constrói-se negando o sensível, a consciência que apreende os factos, assim como os sentimentos. Nega os sujeitos e esvazia-os da sua singularidade inefável, livrando-se deles na sua procura de objectividade. Tudo deve ser feito pelos critérios da ciência e a realidade passa a ser algo de objectivo, externo, sendo a técnica considerada como a auto-realização do real e não mais o sujeito. Todas as propriedades subjectivas foram esvaziadas, não apenas dos sujeitos, mas também da natureza. O principal problema da ciência é que esta se coloca fora da cultura, excluindo-a do seu seio, porque a vida se manifesta através de uma praxis subjectiva e não através de uma teoria objectiva. Mas a ciência também é uma forma de cultura e de manifestação da vida. Então porque pretende excluí-la do seu seio? Porque involuntariamente e para fugir à angústia que o experimentar-se provoca, Galileu e outros produziram uma inversão radical do conceito de humanidade ao considerarem que o mais importante é a consciência do objecto, a par do desenraizamento da acção que deixou de radicar no sujeito vivo para ser considerado uma *technê* abstracta e objectiva. Portanto, a ciência desenvolve-se considerando apenas as entidades noemáticas objectivas e, por este motivo, operou a inversão da corporeização originária do conhecimento naturalizando o corpo e a alma. A técnica deixa de ser um prolongamento da acção natural de corporeização, para se tornar num complemento da natureza passando a constituir-se como a teleologia para onde tudo deve tender. A natureza deixou de ser corporeizada para passar a ser um objecto material fundado em idealidades matemáticas.

Um aspecto importante desta obra é a consideração, por Henry, do papel das ciências humanas no século XX, porque se torna-



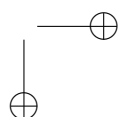
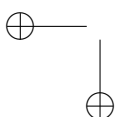


ram em algo de paradoxal. Como estas ciências passaram a ter como projecto um conhecimento objectivo do Homem, a exclusão da subjectividade significa a exclusão daquilo que no Homem o torna como tal. Torna-se claro que a intenção científica galilaica aplicada às ciências humanas conduz à negação e à aniquilação do seu objecto. As ciências humanas passaram a ter um vazio temático a par de uma completa ausência de uma linha de investigação de fundo, dispersando-se por aqui e por ali. Há uma carência ontológica inultrapassável nas ciências humanas, por causa da recusa do seu objecto. O objectivismo do projecto de Galileu aplicado às ciências humanas é algo de irreal e de ilusório. Como nos descreve o autor no capítulo sobre as ideologias da barbárie “as estatísticas sobre as práticas sexuais pouco explicam o que é a sexualidade”.³ O facto é que a objectivação da vida transcendental sob a forma de uma representação ideal nos transforma em fenómenos humanos. Contudo, este ponto de partida da construção objectiva do fenómeno é algo de irreal e de ilusório, porque esta idealidade é uma construção irreal desse mesmo fenómeno. As ciências naturais e ciências humanas constroem-se utilizando o mesmo processo, idealizando e abstraindo e o único projecto que parece escapar a esta vertigem galilaica é o projecto freudiano.

A cultura deriva da *praxis* subjectiva e é uma das principais formas sob as quais a vida se manifesta constituindo-se, segundo Henry, num modo essencial de abertura à relação patética do ser. A separação entre saber e cultura operada pelo projecto galilaico reconduz-nos a um estado de barbárie.

Os dois últimos capítulos da obra são respectivamente *A Destruição da Universidade* e *Underground*. No primeiro encontramos o modo como o racionalismo moderno procedeu à destruição da universidade, assim como à destruição da ideia tradicional de escola e talvez merecesse, por si só, uma recensão.

³ Henry, M, *La Barbarie*, Paris, P.U.F., 2008.





No último capítulo da obra Henry descreve que ao ser rejeitada, a cultura passa à clandestinidade portanto, passa a ser *Underground* e o novo tipo de barbárie assim surgido consiste na privação de cultura, pois uma sociedade sem cultura caminha para a auto-destruição.

